

RPC(2,5) 02_0287 to 0296, 1929, from mp to karl

No dia de Natal de 1929 Polanyi começou a escrever uma longa carta (RPC(2,5), 9 páginas dactilografadas em alemão, salvo os primeiros parágrafos, inscritos em húngaro) onde começa por lamentar não estarem juntos nesse natal, mas pelo menos aproveitamos para uma “pequena discussão”: “Li o livro der Feiler. Tem dois erros (com méritos óbvio): (1) não tira conclusões definitivas e (2) não faz um tratamento quantitativo. Não posso ajudar com o primeiro problema, mas tenho uma palavra a dizer sobre o segundo”. A escrita de carta prolongou-se pelos dias 26 e 29 de dezembro, o que sugere um empenho significativo de Polanyi em desafiar o irmão para a discussão de análise crítica que propõe para a economia soviética.

número de casas decimais (4!) nos salário

a má qualidade dos produtos dificulta uma estimativa realista da produção industrial

discrepancias com estatísticas oficiais

os biliões de kilowatts referidos parece duvidoso, assim como o capital necessário para o plano

comparação com os dados de Alemanha e conclui que a produção industrial deverá valer entre 1/7 e 1/5

a USSR, com o dobro de população, é 4 a 5 vezes mais pobre (per capita) do que a Alemanha e tem uma produção industrial per capita 10 vezes menos menor. O plano quinquenal prevê duplicar a produção industrial, logo a indústria vai-se expandir para uma dimensão de cerca de 1/3 a 1/2 de Alemanha.

falta de informação sobre o preço reais das coisas nos pontos de venda, como ele fez na sua visita, dando apenas valores oficiais. Pela sua experiência os produtos indústrias custam ao comprador cerca de 5 a 10 vezes mais do que na Alemanha, o que levanta questões sobre a mecanização de agricultura

quase impossível rentabilidade da agricultura, incluindo a produção mecanizada de cereais em explorações de grande dimensão, e previsíveis consequências

No final conclui que o livro de Feiler não ajuda na avaliação do bolchevismo, dada a representação inadequada e acrítica dos factos económicos, apesar de fazer um simpático

das pessoas que aí se esforçam e lutam - mas sem clarificar os sentimentos que os movem. No fim de ler o livro “sabemos tão pouco como no princípio: o que é que deve ser testado pela experiência soviética, como é que isso pode encontrar aplicação e o que há aí de excitante”.

“É tempo de recordar, sem rodeios, que originalmente o socialismo pretendia aliviar o fardo de pobreza. A idéia de criar antes uma pobreza mais nobre e igualitária é uma constatação de terrível insucesso ... Estou indignado com o indulgente passar por cima das crueldades da revolução que se enfurece contra a vida, liberdade, verdade, ano após ano”. O livro de Feiler, para além de uma atitude moral unilateral mostra, sob o ponto de vista técnico, uma grande ignorância.

E Polanyi fecha a carta com o desafio ao irmão e pede-lhe “que diga claramente o que é que pensa de tudo isto”

Polanyi critica na carta o livro de Feller como propondo, segundo S&M (p. 120) “uma representação com erros, acrítica e unilateral de economia. O livro de Feiler não clarifica o que é que a grande experiência é dita provar e o que há de excitante nisso. Em vez de tirar os pobres de miséria, o socialismo encobriu os seus falhanços previsíveis sob a retórica de uma pobreza mais nobre e mais justa. O tratamento de Feiler também falha quando não avalia os estragos causados à sociedade humana: “choca-me ver ignorados os horrores de revolução, a sua raiva contra a vida, a liberdade e a confiança, ano sim, ano não”.

Berlin, den 25.12.1929.

Karlicam!

Unfortunately we can not be together at Christmas. But let me keep the little discussion at least. I've read Feiler's book. There are two errors (with obvious merits), i) that it does not draw a definitive result, 2.) that there is no quantitative sensation. I can not help the first trouble, but I have a word for the second one.

The thoughts of the Russians largely take on a form of a strange mood, which is most striking in the cult of meaningless figures. It would be easy and cheap to write about satirism, but still to blame weakness not to notice or even to bark on these shamrocks, without criticism.

Uncontrollable in this area is hurting the taste of man in the past when 1922 / 23 's real wages are displayed with four points of accuracy. (Page 9) Why not with twelve-digit accuracy? It is a despicable idea that there are people who can be driven by this science to die or kill. And this is reflected in the book by Feiler's page number.

No matter how important it is to try to get the Pjatiletka badge out.

Of all the numbers, one seems to me directly useful under certain reservations. That's on p. 90. the indication of the national income to 13 billion pre-war ruble. There is some doubt as to whether the figure refers to the prewar area (which had 2,000,000 more inhabitants than the post-war area after 1923), but the figure is not implausible. The Russian grain harvest (wheat + rye + barley + oats) was estimated in 1923 at 300 million dz. That's worth 3 billion gold rubles today (in Berlin).

Assuming that production in 1923 was about half of the pre-war amount, we come to 6 billion rubles. Similarly, hemp + linen + cotton comes to 1 billion, or 7 billion, probably as a highly valued value the main agricultural products.

An estimation of the scope of industrial production can be based on the fact that the Russian industry does not produce highly qualified products. If one compares the coal and iron production with the German production of the same products, one can say that the ratio is too high apply entire industrial production. For hard coal Feiler gives for 1927/28 (S.90.) 35,4 Mill. Tons. This contradicts Russian official statistics (see, for example, D.V. No. 6,1929) which states 28,8 for 1927 and 26,3 for 1928. However, the figures April-August 1929 give an annual average of about 35 million t. is. That may be about the pre-war demand, which is

"cast iron", of which in 1913 4.2 million tons and 1927/28 3.3 million tons were produced, I do not quite understand. Let us assume that this is pig iron.

The mentioned number of billions of kilowatts (it is probably meant kilowatt hours) is suspicious. It could be the annual capacity of the plants, but I doubt that this is an effectively produced quantity.

In Germany, coal production can be estimated at 165 million tonnes. In addition, lignite production is also about 165 million tonnes. Total value approximately equal to 240 Mill.t. Coal; Cast Iron 13-14 Mill. Electricity generation 32 billion kWh.

One will not be far wrong if one estimates the production of the Russian industry thus $\frac{1}{7}$ - $\frac{1}{5}$ of the German industry. according to one (today's) values (in Germany) of 6-8 billion marks. 3.5 billion rubles are certainly not too low.

With 25-3 billion marks in income, this country (with double the population) per capita is about 4-5 times poorer than Germany and produces about 10 times less per capita industrially.

The five-year plan should essentially achieve a doubling of industry, ie an increase in (relative) industrialization from $\frac{1}{10}$ to $\frac{1}{5}$ of the German size; So the expansion of the industry to a size that equals $\frac{1}{3}$ - $\frac{1}{2}$ of German industry.

What does the "investment of 78.4 billion rubles" mean? (P.83) Why invest 150 billion marks to create capital, which is about the fourth part of German industrial capital? the tenth part is enough.

Now, however, are deducted 23.2. Billion rubles, or 5 billion marks for agricultural investment (p.87). But it does not remain, less gloomy, what the 100 billion are needed and where they may be taken from.

I think it's not about 100, but about 10 - 15 billion, and the prices are 6 -10 times higher than in Germany.

In this strange travelogue of an economist, unfortunately, there is no indication of how much any object that one wishes to buy costs. On p.113, some are also given only partisan data, from which one can assume that prices should be 5-10 times. But why Mr. Feiler did not go to a store to ask for it remains a mystery to me. From own travel experiences and according to reports of colleagues 5-10 times prices of industrial articles in general are. But I confess that you do not understand the 100 billion as well, since most of the salaries are to be paid,

which are not so high. (remember, by the way, that the U.S.S.R import volume is 1-2 billion a year!)

Yes, what should one say? What can one say that agriculture should be mechanized at such industrial prices? Is it to be astonished that the production of tractor wheat costs only 2-3 times as much as farmer's wheat? (P.192) Should we ask what insane people use 8 million tons? Has thought up artificial fertilizer? (P.90). (German production 1 Mill.t). On page 186 it is stated that 25,000 workers sowed the corn in 9 days with 460 tractors covering 62,000 hectares. With no more than double the number of people you can do that without tractors.

den26.12.1929.

I continue my yesterday's notes on the book by Feiler. First a correction. I had misunderstood art fertilizer as a nitrogen fertilizer, but it may be that potassium phosphorus and nitrogen together are meant here. Germany's total consumption of all these types of fertilizer before the war (OST, CHem.Technologie) was 8 mill.t. So it can not be denied that in a highly industrialized Russia a lot of the same size will be used.

Clearer, but as I saw it yesterday, I now see the connection between the price (production cost) of industrial products and the profitability of a mechanized large economy. From No.6 1929 of the D, V. It can be seen that in the United States the staff can be reduced to a minimum of one worker for a 500 hectare (1000 - 1200m). For German conditions, however, a four-man operation is proposed for the same area (but that would mean 500 men for Feiler's 5,200 ha instead of 2,500). The use of two tractors (which for 62,000 ha is 250 tractors) is proposed for the management would result instead of 450.)

For ammortization and repair of machines (in Germany) more than 25% of the purchase value is calculated. This item is almost identical to the net yield of the commodity, from which it follows that the profitability of the enterprise falls to 0 already when, *ceteris paribus*, the price of machinery is twice as high in relation to the wheat price as in Germany. It is similar with the fertilizer in the D.V. For example, the price of the artificial fertilizer used happens to be just as much as the net yield. So even here, the profitability disappears, if *ceteris paribus* industrial prices in relation to the wheat price are twice as high as in Germany. On the whole, I see the situation as follows: In a country whose income per capita is about 5 per cent of the German average income, there is an industry whose relative size is one-fold smaller than the relative size of the German one Industry.

(The guide of the Soviet Union, Berlin, 1929 reveals on page 21: "The proportions of the industry are relatively low, only 7.5% of the population is employed in it." In Germany, this ratio is at least 1:1. If, in such a country, one pays to the workers money wages which reach or even exceed the German level, and at the same time the agricultural products are at a forced purchase price below world parity, the peasants are taken off, and thirdly, the importation of foreign industrial goods by the working class, at the expense of the peasantry, enforces a comparatively high real income on agricultural produce, if the price of industrial goods must be increased to several times the world parity as compensation for the excessive wages, this only affects the workers to the extent that their real income goes to them; however, the peasants remain unchanged on the former low standard, whereas the peasants are under full pressure of the multiple price.

Of course, this system can only be carried out against the peasants by exercising considerable restraint, and it can only work as long as it lasts until the part of the population favored by the compulsory part of the population remains relatively small. The only possible way out of the situation would be the creation of increased industrial capital, without increasing the number of industrially employed persons. It is doubtful whether such things can emerge from own resources in a capital-poor economy. In any case, devastating

However, the path taken by the Soviet Government appears:

The Government of the Soviet Union affirms two things, namely to increase the scale of industry, in particular heavy industry, to twice that and to increase considerably the size of the industrial proletariat. This means that in the future even more people will have to be kept at a low compulsory price by purchasing grain.

In order to avoid this aggravation of the situation, the soviet government is trying to become independent from the peasants by creating mechanized large-scale agricultural enterprises. Here is the following to say: Suppose that the phenomenon that I have called "poverty" and that can be termed as low profitability of Russian labor is merely poverty of capital, such as the information found at Bonn or Stuart Chase. It can be illustrated that the Russian worker has about 30 times less mechanical motive power than the American. Suppose, then, that the modern agricultural worker in Russia becomes as much a producer as his Canadian colleague, provided he has the same mechanical and chemical resources. (Everything we hear about the labor disciplines in Russia contradicts this assumption, but we want to use it tentatively).

Even with this favorable assumption, as has already been stated, account must be taken of the

fact that up to half of total expenditure (see DV 1c) in industrialized agricultural holdings is to be interpreted in terms of industrial products and that, accordingly, the cost price increases when such industrial products (Machines and artificial fertilizer) in the price corresponding to the other industrial products on the multiple level of the world parity, so can be produced in the way no grain to the world market prices. The workers in these grain factories will therefore at best produce grain that will be roughly halfway between market parity and industrial product index.

I want to finish these notes with a few more words. The idea of the soviet government to replace the grain supply, which it can not elicit by producing manufactured goods, by self-production of the grain, is illogical. For either it can produce cheap industrial goods, then it can be obtained in exchange for these agricultural products, or it is incapable of organizing cheap machine production (for whatever reason), then the grain it produces by itself will be higher in price, as the peasant cereal.

In any case, the book by Feiler does not help us on the usual assessment of Bolshevism.

Inadequate and uncritical representation of the economic facts. A sympathetic portrayal of the struggles of the souls struggling there, without mastery of the emotion that moves him. In the end, one knows as little as in the beginning: what actually should be tested by the experiment, how it may find its application and what is exciting about it.

The emotion that over the Kremlin far beyond 50 million people blows the red flag day and night is nothing uplifting. It is time to recall, with unbridled brutality, that socialism was originally there to relieve the burden of poverty among the people. The idea that it really does not matter, but that one should create much nobler and fairer poverty, is a subsequent exacerbation of the terrible failure that one could have counted earlier on the five fingers.

I state whether the nobler and more equitable poverty can be forced by the envy of the poor.

In my opinion, the realization of such an ideal has meaning only if it results from the surrender of the losers. I am outraged by the indulgent gliding over the cruelties of the Revolution, which rages against life, freedom, truth, year after year. Not a single thought concerns our radical belief that violence is being carried out here, whose 1 / 1,000th part is in other places, e.g. provokes indignation in India. This partisanship, which can find no other justification than the aversion to rich people, or perhaps only a certain weariness of their own affection for wealth, I no longer do.

Exhaustion of my own affection for wealth, I no longer do.

It would be a different matter if we wanted to assess the Russian revolution as a destruction of feudalism combined with agrarian reform. Such events have occurred in many parts of the Middle East and Asia without this appearing to us to be a particularly interesting experiment. But that is obvious and has probably not much to do historically with Bolshevism, which broke out 8 months after the Kerensky Revolution.

More than a third larger are the realm owned works Goldenberg and Zoehomewitz (each for themselves). So you really do not know why Feiler as, had to travel far to get excited about such technical achievements. (Typical stupidity of traveling intellectuals), even less known, can be installed in a power plant with less than 300,000 kW Io turbines of 80,000 kW each. On the whole, Feiler's book is yet another example of our fine psychological sense, the one-sidedness of our moral attitude, and our dark ignorance of all actual conditions of a technical body of authority. So, now I'd like to have you write a legible letter about how you think this thing.

Berlin, den 25.12.1929.

Karlicam!

Sajnos nem lehet karácsonykor együtt lennünk. De a minapi beszélgetést legalább hadd fűzzem tovább. Elolvastam Feiler könyvét. Két hibája van (nyilvánvaló érdemei mellett), i) hogy nem von le végleges eredményt, 2.) hogy nincs kvantitativ érzéke. Az első bajon segíteni nem tudok, de a másodikhoz van egy szavam.

Az oroszok gondolatai jórészt egy különös elmebajhoz hasonló alakot vesznek fel, ami legfeltűnőbb a merőben értelmetlen számok kultuszában. Könnyű és olcsó volna erről szatírárt írni de még vétkesbe gyengeség észre nem venni, sőt elbáméskodni ezeken a számfelhökőn, kritikátlanul.

A műveletlenség ezen a téren bántóan üti meg az ember jó ízlését, ha az 1932/33 - as esztendő reálbérét négy jegy pontossággal látja kiírva. (90. oldal.) Miért nem tizenkét jegy pontossággal? Kétségbe ejtő gondolat hogy vannak emberek, akiket ezzel a tudományossággal vezetni lehet, halni vagy ölni. És ezt Feiler oldalszám belemásolja a könyvébe.

No de fontosabb megpróbálni a Pjatiletka mivoltát tényleg tényleg kihámozni.

Von allen Zahlen scheint mir die eine unter gewissen Vorbehalten direkt brauchbar. Das ist auf S. 90. die Angabe des Volks— einkommens mit 13 Milliarden Vorkriegsrubel. Zwar taucht der Zweifel auf, ob sich die Zahl auf das Vorkriegsgebiet bezieht, (das 28,000,000 mehr Einwohner hatte, als das Nachkriegsgebiet nach dem Stande 1923) aber die Zahl ist nicht unplausibel. Die russische Getreideernte Weizen + Roggen + Gerste + Hafer) wurde 1923 auf 300 Millionen dz geschätzt. Das sind heute 3 Milliarden Goldrubel wert (in Berlin). Von allen Zahlen scheint mir die eine unter gewissen Vorbehalten direkt brauchbar. Das ist auf S. 90. die Angabe des Volkseinkommens zu 13 Milliarden Vorkriegsrubel. Zwar taucht der Zweifel auf, ob sich die Zahl auf das Vorkriegsgebiet bezieht, (das 2,000,000 mehr Einwohner zählte, als das Nachkriegsgebiet nach dem Stande 1923) aber die Zahl ist nicht unplausibel. Die russische Getreideernte Weizen + Roggen + Gerste + Hafer) wurde 1923 auf 300 Millionen dz geschätzt. Das sind heute 3 Milliarden Goldrubel wert (in Berlin). Nehmen wir an, dass die Produktion im Jahre 1923 etwa die Hälfte der Vorkriegsmenge betrug, so kommen wir auf 6 Milliarden Rubel, In ähnlicher Weise kommt man für Hanf + Leinen + Baumwolle auf 1 Milliarde, also zusammen 7 Milliarden, als wahrscheinlich hoch geschätzter Wert der wichtigsten landwirtschaftlichen Produkte.

Eine Abschätzung des Industrie-Produktionsumfanges lässt sich darauf gründen, dass die russische Industrie keine hochqualifizierten Produkte erzeugt, Vergleicht man also die Kohle und Eisenproduktion mit der deutschen Erzeugung derselben Produkte, so kann man das Verhältnis als sicher 'ziel zu hoch gegriffene obere Grenze für die gesamte Industrieproduktion anwenden. Für Steinkohle gibt Peiler für 1927/28 (S.90.) 35,4 Mill. Tonnen an. Das steht im Widerspruch zur russischen offiziellen Statistik (Siehe z.b. D.V. Nr. 6,1929) die für 1927 28,8 und für 1928 26,3 angibt. Doch ergeben die Zahlen April - August 1929 einen Jahresdurchschnitt, der ca. 35 Millionen t. beträgt. Das kann etwa die Vorkriegsforderung sein, was "Gusseisen" ist, von dem 1913 4,2 Mill. Tonnen und 1927/28 3,3 Mill.t produziert wurden, verstehe ich nicht recht. Nehmen wir an, das sei Roheisen. Die genannte Anzahl der Milliarden "Kilowatt" (es sind wohl Kilowattstunden gemeint) ist verdächtig. Es könnte sich um die Jahreskapazität der Werke handeln, aber ich bezweifle, dass dies eine effektiv erzeugte Menge sei.

In Deutschland kann die Steinkohlenerzeugung auf 165 Mill. t geschätzt werden. Daneben beträgt die Braunkohlenerzeugung ebenfalls ca. 165 Mill. t. Gesamtwert etwa gleich 240 Mill.t. Steinkohle; Roheisen 13-14 Mill.t; Stromerzeugung 32 Milliarden KWSt.

Man wird nicht weit irren wenn man die Produktion der russischen Industrie somit $1/7 - 1/5$ der deutschen Industrie schätzt. entsprechend einem (heutigen) Werte (in Deutschland) von 6-8 Milliarden Mark. 3,5 Milliarden Rubel sind sicher nicht zu niedrig gegriffen.

Mit 25-30 Milliarden Mark Einkommen lat dieses Land (bei doppelter Bevölkerung) pro Kopf etwa 4-5mal ärmer, als Deutschland und produziert industriell pro Kopf etwa 10mal weniger. Der Fünfjahre-Plan soll im Wesentlichen erreichen eine Verdoppelung der Industrie, also Erhöhung der (relativen) Industrialisierung von $1/10$ auf $1/5$ des deutschen Ausmasses; also der Ausbau der Industrie auf eine Grösse, die $1/3 - 1/2$ der deutschen Industrie gleichkommt. Was bedeutet nun die "Investition von 78,4 Milliarden Rubel"? (S.83.) Wozu 150 Milliarden Mark investieren, um ein Kapital zu schaffen, das etwa den vierten Teil des deutschen Industriekapitals beträgt? Dazu dürften 10-15 Milliarden, also der zehnte teil genügen.

Nun sind allerdings in Abzug zu bringen 23,2. Milliarden Rubel, also 50 Milliarden Mark für landwirtschaftliche Investitionen, (S.87). Aber es bleibt nicht, minder düster, wozu die 100 Milliarden nötig sind und woher sie genommen werden mögen?.

Ich glaube es handelt sich nicht um 100, sondern um 10 - 15 Milliarden, und die Preise sind 6-10-mal höher, als in Deutschland.

In dieser sonderbaren Reisebeschreibung eines Volkswirtes, fehlt leider jede Angabe darüber, wie viel irgend ein Gegenstand, den man zu kaufen wünscht, kostet. Auf S.113 sind einige auch nur parteiamtliche Daten angegeben, aus denen zu vermuten ist, dass die

Preise 5-10fach sein dürften. Warum aber Herr Feiler nicht in einen Laden gegangen ist, um danach zu fragen, bleibt mir ein Rätsel. Aus eigenen Reiseerfahrungen und nach Berichten von Kollegen sind 5-10fache Preise von Industrieartikeln ganz allgemein. Aber ich gestehe, dass man die 100 Milliarden auch so nicht versteht, da doch das Meiste in Löhnen bezahlt werden soll, die ja nicht so hoch sind. (an bedenke übrigens, dass das Einfuhrvolumen der U. S.S.R. beträgt 1-2 Milliarden im Jahr!)

Ja, was soll man nun sagen? Was soll man dazu sagen, dass bei solchen Industriepreisen die Landwirtschaft mechanisiert werden soll? Soll man staunen, dass die Erzeugung des Traktorweizens nur 2-3mal so viel kostet, als der Bauernweizen?(S. 192.) Soll fragen, welcher Irrsinnige die Verwendung von 8 Mill. t. Kunstdünger ausgedacht hat? (S. 90.). (Deutsche Produktion I MILL.t). Auf Seite 186 steht, dass 2500 Arbeiter in 9 Tagen mit 460 Traktoren auf 62000 Hektar die Aussaat des Getreides vorgenommen haben. Mit höchstens der doppelten Anzahl Leuten kann man das ohne Traktoren leisten.

den 26.12.1929.

Ich setze meine gestrigen Notizen über das Buch von Feiler fort. Zunächst eine Berichtigung. Ich hatte irrtümlich Kunst-Dünger als Stickstoffdünger verstanden, aber es kann sein, dass hier Kalium Phosphor und Stickstoff zusammen gemeint sind. Der Gesamtverbrauch Deutschlands an all diesen Düngerarten betrug vor dem Kriege (OST, Chem. Technologie) 8 mill.t. Es ist also nicht von der Hand zu weisen, dass in einem hochindustrialisiertem Russland eine Menge gleicher Größenordnung benutzt werde. Klarer aber als ich es gestern sah, tritt mir jetzt der Zusammenhang zwischen dem Preis (Gestehungskosten) der Industrieprodukte und der Rentabilität einer mechanisierten Grosswirtschaft vor Augen. Aus No.6 1929 des D.V. ist zu ersehen, dass in den Ver. Staaten das Personal für eine 500 Hektar (1000 - 1200 Morgen) auf ein Minimum von einem Arbeiter reduziert werden kann. Für deutsche Verhältnisse wird jedoch für die gleiche Fläche ein Vier-Mannbetrieb vorgeschlagen, (das würde aber für die von Feiler genannten 62000 ha 500 Mann bedeuten, statt 2500.) Für die Bewirtschaftung wird die Verwendung von zwei Traktoren vorgeschlagen (was für 62000 ha 250 Traktoren ergeben würde, statt 450.) Für Amortisation und Reparatur der Maschinen wird (in Deutschland) mehr als 25% des Anschaffungswertes berechnet. Dieser Posten ist fast übereinstimmend mit dem Reinertrag des Gutes, woraus folgt, dass die Rentabilität des Betriebes auf 0 sinkt bereits dann wenn ceteris paribus der Maschinenpreis im Verhältnis zum Weizenpreis doppelt so hoch ist, wie in Deutschland,. Aehnlich steht es mit dem Kunstdünger in dem im D.V. erörtertem Beispiele beträgt auch der Preis des aufgewendeten Kunstdüngers zufällig genau so viel, wie der Reinertrag. Also auch hier verschwindet die Rentabilität, wenn ceteris paribus die

Industriepreise im Verhältnis zum Weizenpreis doppelt so hoch zu stehen kommen, wie in Deutschland.

Im Ganzen sehe ich die Situation etwa so an: In einem Lande, dessen Einkommenshöhe pro Kopf der Bevölkerung etwa den 5/ten Teil des deutschen Durchschnittseinkommen ausmacht, besteht eine Industrie, deren 'relativer umfang 10-mal kleiner ist als die relative Grösse der deutschen Industrie. (Der Führer durch die Sowjet-Union, Berlin, 1929 verrät auf Seite 21: "Die Ausmasse der Industrie sind verhältnismässig gering, nur 7,5% der Bevölkerung ist in ihr beschäftigt". Diesem Verhältnis 1:10 steht in Deutschland mindestens 1:1 gegenüber.) wenn man in einem solchen Lande den Arbeitern Geld-Löhne zahlt, die das deutsche Niveau erreichen, oder sogar überschreiten und zugleich die landwirtschaftlichen Produkte zu einem Zwangseinkaufspreis der unter der Weltparität gelegen ist, den Bauern abgenommen werden und schliesslich drittens die Einfuhr ausländischer Industriewaren unterbunden wird, so erzwingt der Arbeiterschicht auf Kosten der bäuerlichen Bevölkerung ein verhältnismässig hohes Realeinkommen, an landwirtschaftlichen Produkten. Wenn nun als Ausgleich für die überhöhten Löhne auch die Preise von Industrieartikeln auf das Mehrfache der Weltparität gesteigert werden müssen, so betrifft dies die Arbeiter nur bis zu dem Grade, dass ihr Realeinkommen an Industrieprodukten unverändert auf dem früheren niedrigen Stand bleibt, die Bauern dagegen stehen unter dem vollen Druck des mehrfachen Preises.

Dieses System ist natürlich nur- unter Ausübung erheblichen Zwanges gegen die Bauern durchführbar und kann nur so lange einl-gemassen funktionieren, bis der durch den Zwang begünstigte Teil der Bevölkerung verhältnismässig klein bleibt. Als einzig möglicher Ausweg aus der Situation erschiene die Schaffung eines erhöhten Industriekapitals, ohne Vergrösserung der Anzahl industriell beschäftigter Personen. Ob derartiges aus eigenen Mitteln in einer kapitalarmen Wirtschaft entstehen kann, ist zweifelhaft. Jedenfalls verheerend erscheint jedoch der von der Sowjetregierung eingeschlagene Weg:

Die Sowjetregierung befohlenes zweierlei, nämlich den Umfang der Industrie, insbesondere der Schwerindustrie, auf das Doppelte zu erhöhen und die Grösse der Industrieproletariats zugleich erheblich zu steigern. Das bedingt, dass in Zukunft noch mehr Menschen als heute durch Ankauf von Getreide zu einem niedrigen Zwangspreis erhalten werden müssen.

Um dieser Verschärfung der Lage zu entgehen, versucht die Sowjetregierung sich vom Bauern unabhängig zu machen, durch Schaffung mechanisierter landwirtschaftlicher Grossbetriebe. Dazu ist folgendes zu sagen: Nehmen wir an, dass die Erscheinung die ich als "Armut" bezeichnet habe und die auch als geringe Rentabilität der russischen Arbeit

benannt werden kann, lediglich Kapitalarmut ist, was etwa durch die bei Bonn oder Stuart Chase zu findende Angaben illustriert werden kann, dass dem russischen Arbeiter etwa 30-mal weniger mechanische Triebkraft zur Verfügung steht, als dem amerikanischen. Nehmen wir also an, dass der moderne landwirtschaftsarbeiter in Russland eben soviel produzierer wird, wie sein kanadischer Kollege, wenn ihm dieselben mechanischen und chemischen Hilfsmittel zur Verfügung stehen. (Alles was wir über die Arbeitsdisciplin in Russland hören, widerspricht dieser Annahme, aber wir wollen sie versuchsweise verwenden). Auch bei dieser günstigen Annahme wird, wie ich bereits ausgeführt habe, zu berücksichtigen sein, dass in dem mechanisiertem landwirtschaftlichem Grossbetriebe, bis zur Hälfte der Gesamtausgaben(siehe D.V. I.c.) für Industrieprodukte auszulegen sind und dass demnach die Selbstkosten entsprechend steigen, wenn diese Industrieprodukte (Maschinen und Kunstdünger) im Preise entsprechend den übrigen Industrieprodukten auf dem mehrfachen Niveau der Weltparität stehen, so kann auf die Weise kein Getreide zum Weltmarktpreise erzeugt werden. Die Arbeiter in diesen Getreidefabriken werden demnach bestenfalls Getreide produzieren, das im Preise etwa in der Mitte stehen wird zwischen Marktparität und Industrieprodukt-Index.

den 29. 12. 1929.-

Ich will diese Notizen mit noch ein paar Worten zum Abschluss bringen. Die Idee der Sowjetregierung das Getreideangebot, das sie durch Herstellung von Industriewaren nicht hervorlocken kann, durch Selbstherstellung des Getreides zu ersetzen, ist unlogisch. Denn entweder kann sie billig Industrieartikel erzeugen, dann kann sie auch im Austausch für diese landwirtschaftliche Produkte erhalten, oder sie ist zur Organisierung einer billigen maschinellen Produktion unfähig (aus welcher immer Gründen), dann wird das von ihr maschinell hergestellte Getreide im Preise höher stehen, als das bäuerliche Getreide. Das wird zur Folge haben, dass die Getreideerzeugung nur mit staatlichem Zuschuss in der Lage sein wird, die Produkte auf der Basis des Einkaufspreises für bäuerliches Getreide abzugeben. Diese Zuschussbetriebe werden sowohl den Arbeitern, als auch den Bauern (ausserhalb der Betriebe) als unerträgliche Belastung erscheinen und daher nicht lange bestehen bleiben.

Jedenfalls führt uns das Buch von Feiler über die übliche Beurteilung des Bolschewismus nicht weiter. Mangenhafte und kritiklose Darstellung der wirtschaftlichen Tatsachen. Eine sympathische Schilderung der Mühen der dort kämpfenden Seelen, ohne Beherrschung der Ergriffenheit, die ihn bewegt. Man weiss am Ende ebenso wenig, wie am Anfang: was

eigentlich durch das Experiment erprobt werden soll, wie es seine Anwendung finden mag und was daran aufregend ist.

Die Ergriffenheit darüber, dass über dem Kreml weit I gebietend über 50 Mill. Menschen Tag und Nacht die rote Fahne weht, ist nichts erhebendes. Es ist Zeit mit unumwundener Brutalität daran zu erinnern, dass der Sozialismus ursprünglich dazu da war, um die Last der Armut dem Volke abzunehmen. Die Idee, dass es eigentlich darauf nicht ankommt, sondern dass man eine vornehmere und gerechtere Armut schaffen soll, ist eine nachträgliche Beschönigung des furchtbaren Misserfolges den man sich schon früher an den fünf Fingern hätte abzählen können.

Ich stelle anheim, ob die vornehmere und gerechtere Armut zu erzwingen ist durch den Neid der Armen. Meines Erachtens hat die Verwirklichung eines solchen Ideals einen Sinn lediglich, wenn es Hingabe der Verlierenden entspringt. Es empört mich das nachsichtige Hinweggleiten über die Grausamkeiten der Revolution, die gegen Leben, Freiheit, Wahrheit jahraus-jahre in wütet. Nicht einen Gedanken macht sich unsere radikale Meinung darüber, dass hier Gewalttätigkeiten ausgeübt werden, deren 1/1000-ter Teil an anderem Orte, z.B. in Indien Entrüstung hervorruft. Diese Parteilichkeit, die keine andere Rechtfertigung finden kann, als die Aversion gegen reiche Leute, oder vielleicht überhaupt nur ein gewisser Ueberdruß der eigenen Zuneigung zum Reichtum, mache ich nicht mehr mit.

Etwas anderes wäre es, wenn man die russische Revolution als eine Zerstörung des Feudalismus, verbunden mit einer Agrarreform bewerten wollte. Solche Vorgänge sind in vielen Teilen des nahen Ostens und Asiens eingetreten, ohne das dies für uns als ein besonders interessantes Experiment erschienen wäre. Aber das liegt ja auf der Hand und hat wohl mit dem Bolschewismus, der ja 8 Monate nach der Kerenski-Revolution ausgebrochen ist, auch historisch nicht viel zu tun.

Uebrigens möchte loh nur noch erwähnen, dass es in Deutschland mehrere Anlagen gibt, die grösser sind, als der geplante Dnjeprstroj. Nach "Führer durch die Sowjetunion" beträgt die geplante Leistung des Dnjeprstroj 350000 PS , also weniger als 3000,000 kW.

Um mehr als ein Drittel grösser sind die reichseigenen Werke Goldenberg Und Zoehomewitz (jedes für sich). Man weiss also wirklich nicht, warum Feiler es, weit reisen musste, um sich an dergleichen technischen Errungenschaften zu begeistern. (Typische Blödheit reisender Intellektuellen), noch weniger weiss man, in einem Kraftwerk mit weniger als 300,000 kW 10 Turbinen zu je 80,000 kW eingebaut werden.

Im ganzen ist das Buch von Feiler ein weiteres Beispiel für unseren feinen psychologischen Sinn, für die Einseitigkeit unserer moralischen Haltung und für unsere dunkle Unwissenheit

allen tatsächlichen Verhältnissen eines technischen Wirtschaftskörpers. So, jetzt möchte ich mal gerne, dass mlr einen leserlichen Brief darüber schreibst, wie Du Di die Sache denkst.